

Juniper

treinamento budista para a vida moderna

HERDEIROS DO INSIGHT

Integrar o Pensamento Budista na Cultura Moderna

Sobre Juniper

Juniper é uma extensão de uma longa linhagem Budista Indo-Tibetana, iluminando sua sabedoria e práticas na cultura moderna. Oferecemos um caminho que revela uma dimensão espiritual para nossas vidas, infundindo-nos com serenidade, insight, compaixão e tornando-nos uma força positiva no mundo. Visite nossa web site e desfrute nossa lista de e-mail, entre em contato ou visite-nos em Redwood City, Califórnia, nosso centro de ensinamentos e meditação.

Web Site

www.juniperpath.org

Copyright

© 2009 Juniper Foundation

Herdeiros do insight

Onde quer que os métodos budistas tenham criado raízes - em lugares como Índia, China e Tibet - decorreu um extenso período de integração aos padrões culturais locais.

Em um mundo no qual a ciência apresenta desafios crescentes para o pensamento antigo, o treinamento budista se distingue como um caminho de desenvolvimento interior que está notavelmente em harmonia com a ciência e o conhecimento moderno. Ele é desenvolvido sobre uma base de investigação a respeito da natureza da mente e da realidade, e seus *insights* principais estão estranhamente em concordância com as visões modernas do universo. Porém, estes apoios modernos não garantem que a tradição do treinamento budista venha para nós numa embalagem, para uso imediato. Tendo em vista que nossas primeiras fontes de aprendizagem budista derivaram de diferentes culturas e tempos, sua assimilação na vida moderna pode ser um desafio.

É muito comum, por exemplo, ver que o entusiasmo inicial sobre a meditação e as ideias budistas se dissipa devido à aparente impenetrabilidade dos textos e discursos. Frequentemente, o obstáculo não está na essência das ideias em si, mas nos aspectos que são particulares da cultura e tempo nas quais elas foram escritas. Porém, para expandir o método budista na cultura moderna, uma de nossas tarefas principais é extrair a essência das ideias budistas do invólucro cultural no qual as recebemos.

Se observarmos como os métodos budistas são praticados no Ocidente hoje em dia, veremos que, em larga medida, eles refletem um esforço para duplicar as normas e o estilo do lugar de onde vieram. Muitos centros de darma ocidentais, por exemplo, reproduzem muito bem o estilo dos rituais budistas tibetanos, tradições de professores e outros elementos de prática. Ainda que essa reprodução seja talvez um primeiro passo natural e essencial para compreender a tradição e seus métodos, ela produz uma pequena adaptação às normas locais e, assim, carece de uma efetiva integração com a cultura moderna.

Onde quer que os métodos budistas tenham criado raízes - lugares como Índia, China e Tibet –, decorreu um extenso período de integração aos padrões culturais locais.

A necessidade de adaptar os métodos budistas está bem estabelecida por muitos líderes da tradição. Sua Santidade, o 14^o Dalai Lama, advertiu os ocidentais contra a prática de uma forma de budismo tibetanizado, pois ele é intimamente relacionado à cultura do Tibet¹, e muitos renomados mestres budistas indianos e tibetanos, como Nagarjuna, Atisha e Je

Tsongkhapa, foram reformadores, pensadores progressistas de seus tempos, chamados para expandir e estabelecer sua tradição em lugar e tempo² específicos. Se no ocidente moderno somos os herdeiros de seu *insight*, devemos fazer o mesmo.

Apresentamos aqui cinco princípios que acreditamos ser necessários para que o extraordinário sistema budista de desenvolvimento interior enraíze-se e floresça no solo moderno:

1. Integrar a ciência
2. Integrar a educação moderna
3. Treinar gradualmente
4. Prover igual oportunidade
5. Cultivar um relacionamento moderno com o professor

Os objetivos deste trabalho são descrever cada princípio e demonstrar como cada um está em harmonia com os aspectos essenciais do pensamento budista para expandi-lo na cultura moderna.

Os métodos de treinamento budistas podem ser considerados como uma metodologia universal para treinar e disciplinar a mente e cultivar o bem-estar interior. Esses métodos não são dependentes de uma cultura, estilo ou execução particular, eles são adaptáveis ao tempo e às circunstâncias. Talvez possamos comparar essa adaptabilidade a um rio que flui através de diferentes terrenos, em cada área cortando certa geografia local. A forma e o fluxo do rio mudam, mas a água permanece a mesma. Igualmente, para começar a mover-nos para encontrar a forma e o fluxo através do qual as águas do pensamento budista podem correr em um terreno moderno, devemos ter em mente que sem o enorme esforço de muitos lamas e professores budistas, de há muito tempo, isso não poderia ser nem remotamente possível. Foram eles que abriram as portas. Somos nós que devemos atravessá-las.

Integrar a Ciência

Poderia parecer, portanto, que integrar as descobertas da ciência se enquadraria na investigação budista da natureza da mente e da realidade.

Quando examinamos o relacionamento entre o pensamento budista e a ciência, encontramos um impressionante contraste entre os ensinamentos filosóficos budistas e a visão budista clássica da causação e do mundo físico. Os ensinamentos filosóficos budistas estão estranhamente em concordância com o pensamento científico moderno, embora a visão clássica budista de causação e do mundo físico estejam frequentemente fora de sincronia com ele.

Por mais de dois mil anos, os ensinamentos filosóficos budistas pregaram que o universo não consiste em uma entidade autônoma e independente, mas é um desdobramento interdependente no qual eventos e fenômenos surgem em muitos altos níveis de interconexões. Por longo tempo, a ciência não compartilhou esta visão, mas, ao invés, viu o mundo como uma coleção de objetos independentes, influenciando um ao outro com várias forças. Entretanto, com o descobrimento da relatividade, mecânica quântica e assuntos relacionados, a ciência virou-se em direção aos antigos *insights* budistas.

De acordo com a moderna ciência, o universo não é estático e determinístico, mas um desdobramento dinâmico e interdependente no qual eventos ocorrem com uma base subjacente de interdependência, probabilidade e incerteza.

Por essa visão da ciência moderna estar tão alinhada com os *insights* budistas e de outras escolas orientais de pensamento, talvez não seja surpresa que muitos dos grandes cientistas do Século XX tenham desenvolvido forte afinidade com os grandes mestres e iogues orientais. Nas palavras do professor Herbert Guenther, um pioneiro na erudição budista do Século XX: “O fato é que a física moderna tornou-se mais ‘mística’, no mínimo por causa da exposição de alguns dos mais relevantes pensamentos representativos do Oriente.”³ E o renomado estudioso budista contemporâneo Jay Garfield escreve: “A filosofia da ciência foi amadurecendo passo a passo dentro de uma estrutura mais budista nas últimas décadas.”⁴

Entretanto, apesar da notável modernidade do *insight* filosófico budista, as visões budistas da causação e do mundo físico estão, frequentemente, fora de sincronia com as descobertas modernas. A doutrina budista de carma e renascimento, por exemplo, esforça-se para descrever como a vida, as circunstâncias, os eventos, e mesmo a posição socioeconômica tomaram forma. Elas sustentam que nossas ações em vidas anteriores criam na mente marcas sutis que passam de vida para vida, deixando um registro em nossa situação presente e em nosso estado de espírito. Entretanto, ideias modernas de evolução, genética e neurociência, e outras, apresentam uma visão inteiramente diferente de como estas coisas acontecem, propondo notáveis desafios às ideias clássicas budistas. Por exemplo, se os genes desempenham um papel importante na determinação de gênero, personalidade,

características emocionais e assim por diante, então, qual poderia ser o papel das marcas cármicas de ações passadas ou mesmo de vidas passadas?

O choque entre o conhecimento moderno e as ideias clássicas sobre a causação e o mundo físico não é exclusivo do pensamento budista; o exemplo mais visível talvez seja o conflito entre o criacionismo e a evolução. O que distingue o pensamento budista é que ele é baseado em uma fundação de investigação da natureza da mente e da realidade. Este processo de investigação é visto como a ferramenta-chave para libertar a mente das construções que restringem e limitam nossa perspectiva. Pelos seus princípios, portanto, novas informações sobre a mente e o universo poderiam, necessariamente, tornarem-se parte do pensamento budista.

O Dalai Lama afirmou isso muitas vezes. Em “O Caminho para a Felicidade: um Guia Prático nos Estágios de Meditação”, por exemplo, ele diz: “Depois de tudo, a proposta básica do budista é submeter conceitos aos rigorosos processos da lógica, e se algo contradisser a observação direta e a lógica, não deve ser aceito só porque é ensinado nos sutras e nos textos”.⁵

Talvez não exista nenhuma grande aplicação para os “rigorosos processos da lógica” a não ser aquela ocorrida em muitos campos da ciência no decorrer dos séculos passados. Pode parecer, conseqüentemente, que a integração das descobertas da ciência deveria inclinar-se diretamente para a investigação budista da natureza da mente e da realidade. De fato, consideráveis evidências sugerem que, em sua forma original na Índia, o budismo e a ciência estiveram muito alinhados. Novamente nas palavras de Herbert Guenther, “as coisas são ligeiramente diferentes no contexto indiano, particularmente no budismo indiano. A oposição entre religião e ciência está naturalmente ausente.”⁶

Isso não quer dizer que podemos contar com a ciência para todas as respostas. O progresso da ciência releva muitas ideias que foram descartadas por serem falsas e, na virada do Século XXI, parece que ainda existe muito para aprender. Todavia, a ciência mostrou-se muito eficiente ao revelar os limites das antigas teorias, ao prover uma melhor aproximação ao modo como as coisas são e ao aprofundar nossa consciência na impressionante profundidade, complexidade e mistério do universo.

O princípio de integrar a ciência ao moderno pensamento budista, portanto, não implica conhecer tudo o que a ciência tem para dizer sobre o universo. Ao contrário, requer uma perspectiva aberta e flexível para abarcar novas descobertas, ao invés de lutar contra elas. No texto de Juniper “Um Moderno Paradigma: Integrando o Pensamento Budista com a Ciência”, elaboramos uma maneira de fazer isso e exibimos um novo paradigma para integrar as descobertas da ciência com o pensamento e treinamento budistas.

Em resumo, integrar a ciência pareceria ser um princípio essencial para assimilar o pensamento budista na vida moderna. Novamente nas palavras do Dalai Lama, “Esta é a atitude básica budista: quando existe uma descoberta científica que foi provada, devemos aceitá-la”.⁷

Integrar a Educação Moderna

O coração do pensamento budista inclui a investigação da natureza da mente e da realidade. Talvez não seja um exagero dizer que nunca houve tamanha investigação da natureza da mente e da realidade como a que ocorreu durante o Século XX e depois.

Os métodos de treinamento budistas podem ser divididos em dois: investigação da natureza da mente e da realidade; e meditação e outras técnicas que acalmam e disciplinam a mente. A combinação destes dois é que conduz ao *insight* e à transformação interior.

Devido à importância da investigação no sistema, o treinamento budista tem sido associado às sofisticadas instituições educacionais, tais como a famosa universidade budista indiana de Nalanda, que preservou e propagou a tradição budista tibetana por mais de um século.

Os métodos de ensinamento destas clássicas instituições de treinamento budista, entretanto, em termos de estilo e conteúdo, são muito diferentes de seus equivalentes modernos. A ênfase dos mosteiros tibetanos, por exemplo, está no ensinamento e perpetuação de um corpo de conhecimento que, pelos padrões modernos, não muda muito. Seu currículo mudou pouco nos últimos cinquenta anos, e sua mais alta realização acadêmica, o grau de *geshe*, é outorgada baseada mais no domínio de um corpo de conhecimento que na sua expansão. O resultado é um sistema educacional que é notavelmente eficiente em preservar sua massa de pensamentos, mas é menos eficiente em descobrir novas fronteiras.

Em contraste, a moderna educação – a qual designamos como a educação secundária e de nível universitário nos países do moderno ocidente e seus correlatos em outros lugares do mundo – coloca grande ênfase no pensamento independente e no criticismo em aceitar novas descobertas e em expandir suas fronteiras. Matérias tais como álgebra, cálculo e as ciências são ensinadas no ensino secundário ou mais cedo, e novas descobertas na ciência e tecnologia são regularmente introduzidas nos livros-textos e currículos. O currículo dos níveis universitário ou secundário, por exemplo, é radicalmente diferente do que foi cinquenta anos atrás, e o mais alto nível acadêmico, o PhD, é conferido com base em pesquisa e expansão do conhecimento e das ideias.

Devido a que muitos dos métodos clássicos de educação budista sejam tão diferentes dos modernos métodos, existe uma tendência a achar que perdemos algo na moderna educação que limita nossa capacidade de aplicar os métodos budistas de treinar a mente. Para implantar os métodos do treinamento budista na vida moderna, portanto, uma das questões fundamentais é se nosso sistema moderno de educação provê a base necessária para o domínio dos métodos de treinamento budista. Nossa resposta é um sonoro sim, por várias razões.

Primeiramente, os padrões da educação ocidental apresentam-se idealmente condizentes com o treinamento budista. A ênfase no debate, discussão e crítica investiga exatamente equivalências de qualidade que são valiosas no pensamento budista e que conduzem ao progresso no treinamento da mente. É dito que o fundador do pensamento budista, Buda Shakyamuni, ensinou os estudantes a usar a investigação crítica a fim de testar a validade das proposições mais que confiar na afirmação de outra pessoa. O princípio da investigação crítica persistiu e legitimou o pensamento budista, e mostrou-se bem alinhado com a pedagogia da moderna educação.

Segundo, como temos visto, o coração do pensamento budista inclui uma investigação da natureza da mente e da realidade. Talvez, não seja um exagero dizer que nunca houve uma grande investigação sobre a natureza da realidade como a que ocorreu no Século XX e depois. A porta para esta investigação é a moderna educação.

Finalmente, o treinamento budista nunca foi dependente de um sistema particular de educação e instrução. Ele teve muitos estilos e métodos de ensino em diferentes tempos e culturas, nenhum dos quais é considerado definitivo e essencial. Os preceitos budistas, quase por definição, transcendem qualquer sistema particular de educação e são altamente adaptáveis a novos sistemas e abordagens.

Por essas razões, a educação moderna parece ser uma preparação ideal para os aspectos do treinamento budista que envolve investigação e discernimento crítico sobre a natureza da realidade. O princípio da integração, portanto, nos impulsiona não a estudar uma nova metodologia educacional, mas a assimilar a filosofia, o *insight* e a realização do pensamento budista, e treinar maneiras que complementam os métodos e padrões da moderna educação. Desta maneira, aqueles interessados no treinamento e pensamento budista podem usar a moderna educação como uma sólida base para entendê-lo.

Treinar Gradualmente

Se pudermos desenvolver um profundo reconhecimento da importância de uma abordagem calma e relaxada que não é focada em perfeição e resultados rápidos, estaremos mais adequados para integrar essas ideias e apreciar seus benefícios.

O processo de treinamento da mente é de desenvolvimento e assimilação graduais. Seus benefícios vêm através da prática regular de longo tempo, do mesmo modo que gotas d'água gradualmente alisam uma rocha irregular. Embora essa necessidade do desenvolvimento sustentado e gradual seja bem compreendida em lugares como Índia e Tibet, nos círculos ocidentais ela segue frequentemente desvalorizada. Ao invés de uma construção gradual, o que vemos frequentemente no Ocidente são empreendimentos individuais com treinamentos longos sem a apropriada base, ou a expectativa de produzir efeitos muito rapidamente. Nesses casos, os resultados são frequentemente inadequados, e os benefícios que esperamos ganhar não podem ser desfrutados prontamente. Se procuramos saber por que isso ocorre, veremos que muitas forças parecem estar atuando.

Uma força que impede a valorização do desenvolvimento gradual no treinamento budista praticado no Ocidente é a tremenda facilidade de acesso aos seus métodos de treinamento. Assim que o pensamento budista penetrou no Ocidente, espalhou-se notavelmente através de livros, revistas, internet, professores visitantes e assim por diante. Atualmente, muitas livrarias têm prateleiras de livros de budismo e meditação, e na internet incontáveis ensinamentos e materiais estão à disposição. Embora isso tenha trazido grande consciência e tenha exposto as ideias budistas, também impõe poucas restrições a quem tentar se engajar em qualquer nível de treinamento, sem o cuidado de ter experiência ou preparação. Na Índia e no Tibet, em contraste, o acesso ao treinamento budista é frequentemente um privilégio que requer considerável preparação pessoal e compromisso.

Uma segunda força que impede o treinamento gradual é a falta de valorização devido à natureza do compromisso requerido para chegar aos resultados. Na vida moderna, estamos acostumados com a ideia de um desenvolvimento sustentado e gradual em empreendimentos como educação, treinamento profissional e físico, e assim por diante. Se quisermos correr uma maratona, por exemplo, entendemos que ela requer prática regular durante extenso período de tempo, e não tentar correr 42 km na primeira semana! A mesma abordagem é proposta no treinamento da mente. A expansão da conscienciosidade, da disciplina e do *insight* que vêm do treinamento budista exige empenho sustentado em seus métodos. Não fazê-lo suficientemente ou fazê-lo demais em um período curto pode limitar sua efetividade.

Uma terceira força que impede o progresso é a ênfase exagerada na perfeição ou no resultado. Em relação a isso, o treinamento budista pretende ser um antídoto aos aspectos negativos dos esforços mundanos e materialistas. Ele não diz respeito à perfeição ou a possuir uma coleção de conhecimentos e técnicas, mas é um processo de vida, uma experiência profunda, progressiva e interior.

O objetivo do treinamento budista é preparar-nos para esta experiência. Se colocarmos muita ênfase na perfeição – durante quanto tempo conseguimos meditar, quão calmo estamos, a quantos ensinamentos assistimos, e assim por diante – estaremos em risco de fazer esse esforço como qualquer outro esforço materialista. Torna-se algo que tentamos possuir mais do que algo que tentamos vir a ser.

A ideia de treinar gradualmente, portanto, é agir contra essas forças e trazer para o domínio do treinamento budista uma valorização pelo esforço sustentado, pelo progresso constante e pelo contentamento onde quer que estejamos. Se desenvolvermos uma profunda valorização da importância de uma abordagem calma e relaxada, que não é focada em perfeição e em resultados rápidos, estaremos mais ajustados para integrar essas ideias e apreciar os benefícios. Dessa maneira, o treinamento budista servirá como uma experiência atualizada de vida, que fortalece e disciplina a mente, e realça tudo o que se faz.

Talvez, os meios mais comuns de atingir o princípio de treinamento gradual dentro da tradição budista seja através de um professor ou guia. Um guia experiente, que nos conheça bem e com quem tenhamos cultivado um relacionamento de mútuo respeito e confiança, nos ajudará a ritmar nossos esforços. Portanto, para implementar o princípio do treinamento gradual deveríamos tentar, de um lado, cultivar interiormente uma abordagem que é disciplinada, paciente e calma e, de outro lado, trabalhar com guias hábeis que sejam sensíveis e que possam monitorar efetivamente nosso ritmo e progresso.

Prover Igual Oportunidade

Não precisamos estar limitados pelas normas e convenções culturais do passado, mas podemos – e de fato devemos – ir além delas.

Embora as metodologias do pensamento budista sejam planejadas para qualquer pessoa, historicamente o acesso ao treinamento budista esteve limitado. O ambiente do treinamento budista no passado, por exemplo, frequentemente, refletia as suscetibilidades das culturas patriarcais nas quais as oportunidades para praticar eram limitadas aos cenários monásticos. O preconceito cultural em relação às mulheres, aos não ordenados e aos indivíduos *gays* e lésbicas pode também ser encontrado em antigos textos budistas. A consequência desse preconceito é que, em históricas comunidades budistas, esses indivíduos têm frequentemente enfrentado limites ou restrições em sua capacidade para praticar ou ensinar o treinamento budista. Apesar de que tais atitudes possam ser um reflexo das culturas históricas, não conseguimos encontrar preconceitos em relação a eles na essência da filosofia budista.

O pensamento budista é sobre o treinamento da mente. Seu propósito é intensificar a qualidade da experiência para qualquer pessoa capaz de se engajar em suas práticas, de maneira sincera e diligente. Raça, gênero, idade, situação social ou demográfica não representam obstáculo para a sua aplicação. Além disso, a essência do pensamento budista é a ideia de que funcionamos de acordo com convenções que continuamente evoluem e mudam. Portanto, não precisamos estar limitados às normas e convenções culturais do passado, mas podemos – e de fato devemos – ir além delas se elas tiverem se tornado obsoletas. Isso inclui as normas e convenções que criaram obstáculos para mulheres, não ordenados, *gays*, lésbicas e quaisquer outros.

A habilidade para qualquer indivíduo aprender, ensinar, ou passar adiante a prática do treinamento budista deveria ser baseada simplesmente em sua capacidade e empenho. Além disso, parece perfeitamente condizente com o pensamento budista considerar qualquer preconceito antigo mera convenção de época, que pode ser atualizada conforme as normas e padrões correntes. Consequentemente, a ideia de prover igual oportunidade exige erradicar do treinamento budista todo preconceito contra gênero, raça, idade, situação social e demográfica.

Cultivar um Relacionamento Moderno com o Professor

O modo ideal de relacionamento com um professor ou guia no treinamento budista, portanto, é aquele que melhor se adapta ao perfil psicológico, normas e necessidades de seu tempo.

Professores ou guias desempenham um papel vital no caminho budista. Eles são os catalisadores que abrem a porta para a mudança interior e ajudam a opor resistência e a equilibrar o nosso progresso. Embora um relacionamento com o professor ou guia possa tomar muitas formas, ele tende a assumir um estilo que está muito alinhado com a cultura e padrões locais. Em algumas culturas, por exemplo, um alto grau de formalidade e subserviência é acordado com o professor budista, cujas palavras raramente, talvez nunca, são sujeitas a questionamento.

Ainda que em nossa cultura moderna não tenhamos um correlato direto ao treinamento budista, questionar e desafiar um professor é bem aceito – inclusive encorajado – em outros campos, e o relacionamento com professores tende a ser mais informal.

Não existe uma maneira correta em que o relacionamento com o professor no treinamento budista possa ser estruturado. O grau de formalidade e subserviência, por exemplo, não caracteriza um relacionamento bem-sucedido com um professor ou guia. O que importa é a qualidade do relacionamento e um nível mútuo de respeito e confiança cultivada em longo prazo. O modo ideal de relacionamento com um professor ou guia no treinamento budista, portanto, é aquele que melhor se adapta ao perfil psicológico, normas e necessidades de seu tempo.

A educação moderna tem em alto valor o pensamento independente, a investigação crítica e o questionamento de normas e padrões. Relacionamentos bem-sucedidos com o professor tendem a ser caracterizados pelo alto nível de respeito e confiança, mas também que permitam alto nível de expressão individual por parte do estudante. Discussões e pensamento independente são geralmente encorajados. Se esse tipo de relacionamento é o ideal para o perfil psicológico do indivíduo moderno ou ocidental, também parece ser o ideal para o treinamento budista de tais indivíduos.

Em resumo, o princípio do moderno relacionamento com o professor no treinamento budista exige preservar a potencialidade e a vitalidade do relacionamento com o professor ou guia da maneira mais adaptada às normas e suscetibilidades modernas. O objetivo é estabelecer uma harmonia saudável entre a autoconfiança e o abrir-se à orientação de outra pessoa. Dessa maneira, seremos capazes de cultivar um relacionamento com o professor que reflete as demandas modernas enquanto construímos a confiança necessária para o professor efetivamente servir como um catalisador para o crescimento e desenvolvimento interior.

Ao assentar o alicerce para assimilar o treinamento budista na cultura contemporânea, estaremos criando a oportunidade de construir um potente sistema de desenvolvimento interior que está em harmonia com os rápidos passos e mudanças da vida e descoberta modernas.

A entrada em larga escala dos ensinamentos budistas no Ocidente tem apenas cinquenta anos. Em contraste, a tradição dos grandes mosteiros budistas tibetanos evoluiu por mais de um milênio, desenvolvida cuidadosamente, protegida e praticada em uma das mais sofisticadas e intrincadas tradições de desenvolvimento interior da história. A assimilação desses métodos nas culturas novas não aconteceu fácil e rapidamente. Quando a tradição migrou da Índia para o Tibet mais de mil anos atrás, por exemplo, o processo de aprendizagem, tradução e integração com a cultura local levou gerações.

Hoje, com a incomparável rapidez e a bem-difundida disseminação da informação e da educação, as coisas se movem muito depressa. A prática budista na vida contemporânea não é o abrigo de um restrito número de pessoas que se tornam monges e estudiosos. Ela está acessível em cada livraria, em incontáveis *websites* e através de outras mídias. A rápida disseminação tem a vantagem de tornar o treinamento budista mais disponível, mas isso também representa um desafio único para cultivar a autêntica prática das linhagens.

Estamos honrados por estarmos lado a lado com gigantes, exploradores espirituais ao longo da história, que se esforçaram para descobrir o potencial e a natureza da realidade e da mente. O que temos exibido aqui são os princípios que acreditamos ser necessários para que a sua tradição e *insight* verdadeiramente criem raízes no solo moderno: integrar a ciência, integrar a moderna educação, treinar gradualmente, prover igual oportunidade e cultivar o moderno relacionamento com o professor. A função é tornar o treinamento budista significativo, acessível e relevante na vida moderna, sem perder seu vigor e essência.

Ao lançarmos as bases para a assimilação do treinamento budista na vida moderna, criaremos a oportunidade de construir um poderoso sistema de desenvolvimento interior em harmonia com as rápidas mudanças e o ritmo da vida e das descobertas modernas.

Talvez seja por isso que o famoso biólogo Francisco J. Varela escreveu: “A nossa argumentação é que a redescoberta da filosofia asiática, particularmente da tradição budista, é o segundo renascimento na história cultural do Ocidente”⁸. Porém, encaixar esta tradição na cultura moderna não será fácil. Se somos os herdeiros do *insight*, teremos o trabalho de tornar esses métodos potentes, acessíveis e significativos aqui e agora, em nossa própria cultura e tempo. Só depende de nós.

Notas

1 Dalai Lama, *The Meaning of Life from a Buddhist Perspective* (Snow Lion Publications, 2003), p. 64: “É importante adotar a essência dos ensinamentos de Buda, reconhecendo que o Budismo que é praticado pelos Tibetanos é influenciado pela cultura Tibetana e desse modo seria um erro praticar uma forma de Budismo Tibetanizado.”

2 Veja, por exemplo, Joseph Walser, *Nagarjuna in Context: Mayahana Buddhism & Early Indian Culture* (Columbia University Press, 2005).

3 Guenther, Herbert, *Ecstatic Spontaneity* (Asian Humanities Press, 1993), p. xiv.

4 Garfield, Jay L., *Empty Words* (Oxford University Press, 2002), p. 70

5 Dalai Lama, *Path to Bliss: A Practical Guide to Stages of Meditation* (Snow Lion Publications, 2003), p. 63.

6 Guenther, Herbert, *Ecstatic Spontaneity* (Asian Humanities Press, 1993), p. xiv.

7 Berzin Archives, Question Sessions with H. H. the Fourteenth Dalai Lama Concerning the Kalachakra Initiation,
http://berzinarchives.com/kalachakra/question_hh_initiation_2.html

8 Varela, Francisco J., *Ethical Know-How* (Stanford University Press, 1992), p. 22.